

**COLÉGIO PEDRO II  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA,  
EXTENSÃO E CULTURA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM 2025**

**ANA CLARA PEREIRA MONTEIRO-MACEDO**

**CIDADE, MEMÓRIA E ENSINO DE HISTÓRIA:**  
uma proposta pedagógica a partir da plataforma Wikifavelas.

Rio de Janeiro

2025



**Ana Clara Pereira Monteiro-Macedo**

**Cidade, Memória e Ensino de História: uma proposta pedagógica a partir da  
plataforma Wikifavelas.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, ofertado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de História.

Orientador(a): Leandro Clímaco Almeida de Melo,  
Doutor em História Social.

Rio de Janeiro  
2025

**COLÉGIO PEDRO II**

**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA**

**BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER**

**CATALOGAÇÃO NA FONTE**

M775 Monteiro-Macedo, Ana Clara Pereira  
Cidade, memória e ensino de história : uma proposta pedagógica a partir da plataforma Wikifavelas / Ana Clara Pereira Monteiro-Macedo. – Rio de Janeiro, 2025.

45 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de História) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Leandro Clímaco Almeida de Melo.

1. História - Estudo e ensino. 2. Urbanização - Rio de Janeiro (RJ) - História. 3. Memória. 4. Favelas - Rio de Janeiro (RJ) - Aspectos sociais. 5. Wikifavelas. I. Melo, Leandro Clímaco Almeida de. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 907

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

**Ana Clara Pereira Monteiro-Macedo**

**CIDADE, MEMÓRIA E ENSINO DE HISTÓRIA: uma proposta pedagógica a partir  
da plataforma Wikifavelas.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, ofertado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de História.

Aprovado em 15 de agosto de 2025.

---

Prof. Dr. Prof. Dr. Leandro Clímaco Almeida de Melo  
Colégio Pedro II  
Orientador

---

Prof. Dr. Júlio Cesar Paixão Santos  
Colégio Pedro II

---

Profa. Dra. Clara Gomes Polycarpo Péres  
Universidade Federal Fluminense

Rio de Janeiro  
2025

## AGRADECIMENTOS

O texto que se apresenta nesse trabalho de conclusão de curso, intitulado — CIDADE, MEMÓRIA E ENSINO DE HISTÓRIA: uma proposta pedagógica a partir da plataforma Wikifavelas.‡ é fruto de um intenso movimento teórico, político e prático da minha carreira entre o chão da sala de aula, o chão da universidade e o —chão‡ dos movimentos sociais urbanos do Rio de Janeiro. Ao longo dos últimos oito anos, me dividi entre ser professora do ensino básico, doutoranda em Sociologia e pesquisadora em políticas urbanas no Observatório de Favelas. Em cada um desses espaços pude aprender novas lentes para enxergar e refletir sobre inquietações que me acompanham ao longo da minha trajetória. Essa múltipla inserção também me permitiu olhar para a cidade em sua dimensão teórica e prática, mas também a enxergá-la enquanto uma potente ferramenta de transformação.

Agradeço a Palloma Menezes e Mariana Cavalcanti, duas grandes referências com quem venho aprendendo, ao longo dos últimos seis anos, sobre o fazer urbano em suas múltiplas dimensões. Aos colegas da equipe de Políticas Urbanas do Observatório de Favelas, Lino Teixeira, Júnior Pimentel e Victoria Alves por compartilharem longas horas de reflexão e práticas de transformação social, impulsionadas por um saber territorial e alinhadas com as ideias aqui articuladas. À minha esposa, Giovanna Monteiro-Macedo, pela partilha da vida mas também do interesse mútuo em fazer uma pesquisa articulada com a mudança social.

Esse texto também só é possível a partir do meu encontro com a Especialização em Ensino de História do Colégio Pedro II. Iniciar essa especialização foi um momento de reencontro. Principalmente com o meu fazer pedagógico que, devido à falta de tempo proporcionada pela correria da vida que se faz em meio a políticas cada vez mais intensas de precarização da mão de obra de professores e professoras em todo o Brasil, vinha se tornando mecânico e pouco reflexivo. Gostaria de agradecer à todos os colegas de especialização e ao corpo docente que através das partilhas, críticas e motivações ao decorrer do curso, me permitiram (re)encontrar a profissional preocupada com o ensino crítico e reflexivo. Assim como o significado de ser professora.

Gostaria de agradecer, por fim, ao Professor Dr. Leandro Clímaco Almeida de Melo, que me orientou ao longo desse processo de escrita, ouvindo de maneira acolhedora às minhas ideias e sugerindo ajustes e textos que pudessem dar corpo ao que eu tentei articular nesse documento. Todas as falhas, limitações e confusões desse trabalho, no entanto, são de minha responsabilidade.

## RESUMO

MONTEIRO-MACEDO, Ana Clara Pereira. **CIDADE, MEMÓRIA E ENSINO DE HISTÓRIA: uma proposta pedagógica a partir da plataforma Wikifavelas, 2025.** Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de História) – Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2025.

Este trabalho tem como proposta a construção de um manual direcionado aos professores do Ensino Fundamental II ou do Ensino Médio, com o objetivo de promover uma intervenção teórico-prática no campo do ensino de História. A proposta parte da compreensão de que as juventudes do Rio de Janeiro, plurais, racializadas e marcadas por opressões históricas, vivenciam cotidianamente desigualdades no acesso à cidade, à educação e à cidadania. A partir dessa realidade, o manual propõe o estudo da formação do espaço social urbano do Rio de Janeiro, com base na análise crítica de fontes históricas da virada do século XIX para o XX, especialmente aquelas que revelam as disputas sociais e raciais no processo de urbanização. Entretanto, a proposta se diferencia ao incluir a exploração de plataformas colaborativas como o Wikifavelas – Dicionário de Favelas Marielle Franco, entendendo-as como espaços legítimos de produção de conhecimento histórico. Parte-se da premissa de que tais ferramentas, ao valorizarem narrativas frequentemente apagadas pela historiografia tradicional, são potentes dispositivos pedagógicos. A proposta também prevê o envolvimento ativo de estudantes e docentes na produção e alimentação de ferramentas como o Wikifavelas, permitindo a articulação entre teoria e prática, entre saberes escolares e saberes territoriais. Dessa forma, pretende-se estimular o desenvolvimento de uma consciência histórica que seja crítica, situada e transformadora.

**Palavras-chave:** RIO DE JANEIRO; ENSINO DE HISTÓRIA; URBANIZAÇÃO; MEMÓRIA; WIKIFAVELAS.

## ABSTRACT

MONTEIRO-MACEDO, Ana Clara Pereira. **CITY, MEMORY AND HISTORY TEACHING: a pedagogical proposal based on the Wikifavelas platform, 2025.** Final Paper (Specialization in History Teaching) – Office of Graduate Studies, Research, Extension, and Culture, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2025.

This project proposes the creation of a manual aimed at middle and high school History teachers, with the goal of fostering a theoretical and practical intervention in the field of History education. It begins with the understanding that youth in Rio de Janeiro—diverse, racialized, and shaped by historical forms of oppression—experience daily inequalities in access to the city, education, and citizenship. In light of this reality, the manual explores the formation of Rio de Janeiro’s urban social space, based on the critical analysis of historical sources from the turn of the nineteenth to the twentieth century, particularly those that reveal the social and racial struggles embedded in the urbanization process. What sets this proposal apart is the inclusion of collaborative platforms such as Wikifavelas – Marielle Franco Dictionary of Favelas, which are recognized as legitimate spaces for the production of historical knowledge. The underlying premise is that such tools, by valuing narratives often erased by traditional historiography, serve as powerful pedagogical devices. The project also calls for the active involvement of students and teachers in the creation and enrichment of platforms like *Wikifavelas*, fostering connections between theory and practice, and between academic knowledge and local, community-based knowledge. In doing so, it aims to promote the development of a critical, situated, and transformative historical consciousness.

**Keywords:** RIO DE JANEIRO; HISTORY TEACHING; URBANIZATION; MEMORY; WIKIFAVELAS.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>A CIDADE COMO CAMPO DE ENSINO</b>	<b>13</b>
<b>2.1.</b>	<b>Apontamentos Teóricos</b>	<b>17</b>
<b>3</b>	<b>POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS: O RIO DE JANEIRO COMO CASO</b>	<b>22</b>
<b>3.1</b>	<b>A historiografia da “Cidade Partida”</b>	<b>23</b>
<b>4</b>	<b>WIKIFAVELAS COMO FERRAMENTA DE ENSINO: PRÁTICAS COLABORATIVAS NO ENSINO DE HISTÓRIA</b>	<b>29</b>
<b>4.1.</b>	<b>Plano de Aula: Investigando a Cidade e a Memória Comunitária com o Wikifavelas</b>	<b>32</b>
<b>4.2.</b>	<b>Da cidade como arquivo à favela como autoria</b>	<b>38</b>
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO</b>	<b>40</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>43</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A história urbana do Rio de Janeiro, especialmente no período de profundas reformas que marcaram a transição do século XIX para o XX, foi construída sob uma lógica excludente, marcada por silenciamentos e apagamentos das experiências vividas pelas populações negras, pobres e faveladas. As reformas conduzidas por Pereira Passos entre 1902 e 1906, por exemplo, não apenas remodelaram o espaço físico da cidade, mas também operaram como dispositivos de reorganização simbólica do tecido social, produzindo e legitimando noções de ordem e progresso que, ao mesmo tempo, marginalizaram determinadas presenças.

É nesse terreno de disputas simbólicas que emerge a centralidade da memória como problema e como possibilidade. Como lembra Maciel (2006), as memórias são permanentemente disputadas e ressignificadas: elas não se restringem ao campo do afeto ou da nostalgia, mas operam como linguagens que expressam relações de poder e constroem sentidos sobre o passado, o presente e os pertencimentos. Nesse sentido, o ensino de História, sobretudo em contextos escolares situados em grandes centros urbanos como o Rio de Janeiro, precisa ser compreendido também como um campo de disputa pela memória, capaz de tensionar versões hegemônicas da história da cidade e abrir espaço para vozes historicamente silenciadas.

A proposta deste trabalho parte exatamente desse ponto: investigar e propor estratégias pedagógicas que valorizem a produção de memória sobre a cidade a partir das experiências da população favelada. Trata-se de deslocar o olhar da historiografia tradicional para construir caminhos de leitura histórica que levem em conta os territórios populares, seus agentes e suas formas próprias de narrar o urbano. Ao privilegiar a memória como categoria analítica e política, propõe-se o ensino de História como prática crítica, comprometida com a escuta ativa de sujeitos e comunidades frequentemente excluídas dos processos formais de produção do conhecimento.

Nesse contexto, o uso do Dicionário de Favelas Marielle Franco - Wikifavelas como ferramenta pedagógica ganha destaque. Como defendem Polycarpo, Fornazin e Fleury (2021), o Wikifavelas configura-se como uma plataforma colaborativa que reconhece as favelas como territórios produtores de conhecimento e resistência. Ao articular saberes acadêmicos, populares e militantes, essa ferramenta rompe com a lógica vertical do

conhecimento e contribui para a construção de outras histórias, escritas a partir de vivências concretas, cotidianas e periféricas.

Assim, a proposta desta intervenção pedagógica está ancorada na ideia de que produzir memória é um ato político e que o espaço escolar pode (e deve) funcionar como um território fértil para esse exercício. Ao articular fontes históricas do período das reformas urbanas com narrativas contemporâneas oriundas do Wikifavelas, pretende-se estimular nos estudantes não apenas a compreensão crítica do processo de urbanização do Rio de Janeiro, mas também o desenvolvimento de uma consciência histórica situada, capaz de reconhecer-se como sujeito produtor de memória e história.

Esta proposta possui, além desta introdução e de uma conclusão, três seções de discussão. A segunda seção, intitulada —A cidade como campo de ensino", é voltada para as reflexões e propostas baseadas na literatura que indica as possibilidades pedagógicas de olhar para a cidade enquanto um objeto capaz de gerar sensibilidade e reflexões nos alunos, baseadas na junção empírica e conteudista. Nesse sentido, o capítulo será direcionado para apresentar as possibilidades da utilização da cidade como um objeto de ensino e pesquisa, a partir de reflexões sobre o conceito de "cidade que educa", irei debruçar sobre a construção geral dos objetivos propostos neste trabalho.

Após um quadro conceitual sobre a cidade como campo de ensino e intervenção pedagógica, apresentarei o Rio de Janeiro enquanto objeto de análise dessa proposta, elaborando as especificidades da cidade a partir da seleção de um evento, que terá atenção especial na construção do problema: A Reforma Pereira Passos. A partir de uma leitura historiográfica já consolidada sobre o período, há uma forte associação entre a Reforma ocorrida no início do século XX e a favelização do Rio de Janeiro. Esse contexto será o pano de fundo da intenção desse produto pedagógico: olhar para as questões raciais envolvidas nesse processo.

O objetivo da seção —Possibilidades metodológicas: O Rio de Janeiro como caso é apresentar o contexto histórico do Rio de Janeiro na virada do século e as possibilidades que o período traz na análise de processos sociais de exclusão. Tomar como ponto central a formação urbana como possibilidade de analisar questões mais amplas envolvidas nessa discussão. Pensar a proposta de Sahlins (2005) na abordagem de um evento que condiciona a longa duração de uma estrutura. Nesse sentido, pensar a Reforma Passos enquanto um evento que amalgamou as questões raciais postas pela primeira república, refletindo na formação de

um espaço urbano desigual no Rio de Janeiro. Será mobilizada uma literatura crítica capaz de dar conta dessa discussão sobre a formação do espaço urbano carioca.

Nesse sentido, esse capítulo trará diferentes fontes que podem ser pensadas na construção da cidade como um objeto a ser debatido na sala de aula, propondo esse objeto como um campo de discussões profícuas sobre diferentes problemas, que podem ter um impacto positivo no ensino-aprendizagem dos discentes. Levando em consideração as provocações propostas por Zabala (1998) na elaboração da proposta, ela também visa a dimensão axiológica na postulação de questões interessantes para pensar o espaço de formação das cidades e a racialização e segregação destes espaços. Essa realidade, em uma cidade como o Rio de Janeiro, pode ser analisada empiricamente pelos alunos ao simplesmente andarem pelas ruas de seus bairros, ou então se locomovendo para outros. Pensar na longa temporalidade dos problemas urbanos, principalmente trazendo questões raciais para o centro da análise, é incentivá-los a pensar na passagem do tempo de maneira ativa, buscando colocar em pauta a própria temporalidade enquanto uma problemática para o ensino de História. Nesse sentido, a cidade representa um interessante laboratório de ensino-aprendizagem (Gadotti, 2006).

O quarto capítulo intitulado —Wikifavelas como ferramenta de ensino: práticas colaborativas no ensino de HistóriaII será dedicado à apresentação de propostas práticas de uso da plataforma Wikifavelas – Dicionário de Favelas Marielle Franco como recurso didático no ensino de História, com foco na articulação entre cidade, raça e memória. O objetivo é demonstrar como essa plataforma digital, ao reunir verbetes, mapas, dados e produções de saberes populares, pode ser mobilizada como instrumento pedagógico capaz de desestabilizar narrativas historiográficas hegemônicas e estimular nos(as) estudantes uma leitura crítica do espaço urbano. Inicialmente, será feita uma breve introdução sobre a origem, estrutura e objetivos da plataforma, destacando seu compromisso com a produção de conhecimento a partir das experiências e histórias das favelas e periferias. Em seguida, será explorado o potencial da Wikifavelas como uma ferramenta de —cartografia socialII que valoriza os territórios populares como espaços legítimos de memória e agência histórica.

A segunda parte do capítulo apresentará um conjunto de propostas pedagógicas baseadas na utilização da plataforma em sala de aula, articulando conteúdos curriculares com atividades de análise de verbetes, leitura de mapas urbanos, construção de linhas do tempo e produção de novos conteúdos colaborativos. Serão sugeridas dinâmicas que estimulem os(as) estudantes a realizarem mapeamentos críticos dos próprios territórios, identificando marcas

do passado escravocrata, processos de remoção, resistências e produções culturais locais. Além disso, serão discutidas estratégias para envolver os(as) docentes na apropriação crítica da plataforma, por meio da criação de oficinas de formação continuada, práticas interdisciplinares e produção coletiva de conteúdos em parceria com estudantes. O capítulo também refletirá sobre os desafios éticos e pedagógicos desta proposta, incluindo questões como a curadoria de informações, o reconhecimento de saberes subalternizados e o papel da escola na valorização das narrativas periféricas.

Por fim, o capítulo retoma a centralidade da cidade como laboratório de ensino, destacando que o uso da Wikifavelas propicia uma experiência de aprendizagem situada, crítica e antirracista, em que os(as) estudantes se veem como sujeitos produtores de história e conhecimento. A proposta se alinha, assim, às diretrizes de uma educação comprometida com os direitos humanos, com a justiça racial e com o fortalecimento das juventudes como protagonistas na leitura e na transformação da cidade.

## 2. A CIDADE COMO CAMPO DE ENSINO

A cidade, enquanto espaço vivido, produzido e disputado, é um objeto privilegiado para a investigação crítica das estruturas sociais. Ela não apenas abriga os sujeitos e suas relações, mas condensa processos mais amplos, modernização, industrialização, racialização, exclusão e resistência. Assumir a cidade como um campo de ensino é, portanto, reconhecer que nela se materializam contradições históricas e sociais, que podem ser mobilizadas pedagogicamente para fomentar uma aprendizagem situada e crítica.

A emergência das cidades modernas esteve diretamente vinculada às transformações estruturais do capitalismo e da modernidade. Ainda que autores fundadores da sociologia como Marx, Durkheim e Weber tenham abordado essas transformações de modo estrutural, seja na forma da luta de classes, da racionalização social ou da especialização do trabalho, foram estudos posteriores que elegeram a cidade como objeto analítico central. W.E.B. Du Bois (1899), por exemplo, ao analisar a vida dos negros na Filadélfia, demonstrou como processos de segregação urbana estavam diretamente associados ao racismo estrutural e à dinâmica imobiliária das cidades americanas. Sua contribuição foi pioneira ao deslocar a explicação da pobreza urbana da esfera biológica ou moral para os efeitos sociais da modernidade racial.

Georg Simmel (1903), por sua vez, destacou as transformações sensoriais e psíquicas provocadas pela vida urbana moderna, indicando como o ambiente das grandes cidades criava novas formas de sociabilidade. Essa reflexão influenciou diretamente a constituição da Escola de Chicago, cujo trabalho empírico estabeleceu a cidade como laboratório privilegiado das mudanças sociais. Robert E. Park, Ernest Burgess e outros pesquisadores investigaram como a urbanização afetava as dinâmicas de migração, criminalidade, marginalidade e segregação racial, apesar de muitas dessas análises partirem de pressupostos assimilacionistas que, ao ignorarem o papel do poder e do racismo estrutural, acabavam reforçando categorias normativas de desvio e integração.

No Brasil, a chegada desse referencial se deu num contexto em que intelectuais como Gilberto Freyre, Arthur Ramos e Donald Pierson buscavam interpretar as relações raciais e o espaço urbano a partir de um suposto modelo harmônico, marcado pela miscigenação e pelo convívio cordial. Como demonstra Lícia Valladares (2010), a vinda de Park e a pesquisa de

Pierson na Bahia foram fundamentais para consolidar uma imagem de —paraíso raciall, que serviu, por vezes, para obscurecer as formas materiais de exclusão e desigualdade.

A crítica contemporânea à tradição da Escola de Chicago, especialmente a partir da virada marxista francesa, com autores como Castells (1972), deslocou o foco para a análise das estruturas de poder e dos interesses do capital na produção do espaço urbano. A cidade deixou de ser apenas um cenário das relações sociais para ser compreendida como produto de lutas políticas, disputas econômicas e processos de racialização. Estudos como os de Abdias do Nascimento, Lélia Gonzalez, Milton Santos e Raquel Rolnik contribuíram para pensar as cidades brasileiras como territórios de conflito, memória e resistência.

Essa leitura crítica da cidade está na base da proposta pedagógica deste trabalho. Ao incorporar a perspectiva da —cidade que educa (Gadotti, 2006), entende-se que o espaço urbano pode e deve ser mobilizado como recurso didático, por meio do qual os estudantes se reconhecem como sujeitos históricos e críticos. Trabalhar a cidade como objeto de ensino é criar pontes entre o conhecimento escolar e a experiência concreta dos estudantes, que podem, por exemplo, investigar seus bairros, mapear desigualdades, registrar memórias, e confrontar narrativas oficiais com as experiências populares.

A atuação de trabalhadores urbanos na produção de seus próprios jornais, como analisado por Laura Antunes Maciel (2016), é um exemplo potente de como os sujeitos historicamente excluídos do projeto urbano moderno criaram suas próprias formas de narrar e intervir na cidade. Sua reflexão sobre uma —cidade feita pelos trabalhadores contribui diretamente para esta proposta, que busca reinscrever no ensino de História os rastros e as vozes apagadas da experiência urbana.

Nesse sentido, este trabalho propõe a cidade como campo de ensino e intervenção pedagógica. Um espaço onde se articulam, de maneira sensível e reflexiva, práticas empíricas, produção de conhecimento e construção de sentidos. A cidade, especialmente o Rio de Janeiro, será mobilizada como objeto de análise a partir de um evento histórico estruturante: a Reforma Pereira Passos. A escolha desse caso não se dá apenas por sua relevância histórica, mas pela sua potência explicativa e pedagógica para a compreensão das relações entre modernização, racialização e exclusão urbana.

A cidade, enquanto espaço vivido e historicamente produzido, é também um objeto privilegiado para a investigação crítica das estruturas sociais. Ela não apenas abriga os sujeitos e suas relações, mas condensa processos mais amplos de modernização, industrialização, racialização e desigualdade. Olhar para a cidade como um campo de ensino é, antes de tudo, reconhecer que ela fala: em suas ruas, em seus edifícios, nas formas como se organiza o espaço e nos modos como diferentes grupos sociais são distribuídos e tratados dentro dela.

Nas cidades modernas, tornam-se visíveis as marcas da transição entre diferentes formas de organização social. A explosão populacional, os deslocamentos provocados pela industrialização, a concentração de riqueza e poder, e a segregação espacial são elementos que constituem a experiência urbana. O crescimento urbano não é neutro: ele expressa disputas políticas, interesses econômicos e projetos ideológicos. Quem entra, quem é expulso, quem tem acesso e quem é marginalizado são perguntas que dizem mais sobre os valores de uma sociedade do que sobre a cidade em si.

Ao assumir a cidade como objeto de estudo, abre-se a possibilidade de compreender como a vida urbana organiza e desorganiza as relações sociais. O espaço urbano revela como certos grupos são sistematicamente deslocados, silenciados ou criminalizados. A cidade materializa as hierarquias sociais, seja por meio das infraestruturas, das políticas públicas ou da ausência delas. Por isso, estudá-la é também estudar o funcionamento do poder, do capital e das formas de exclusão que estruturam a vida social.

Essa leitura da cidade como um espaço onde se cruzam questões de classe, raça e território é especialmente relevante em contextos marcados por uma modernização excludente, como o brasileiro. No caso do Rio de Janeiro, essa perspectiva ganha contornos emblemáticos: as transformações urbanas, sobretudo aquelas que visaram consolidar um ideal de cidade moderna, estiveram historicamente vinculadas à remoção de populações negras, pobres e periféricas. A cidade não é apenas cenário, ela é protagonista nos processos de racialização e marginalização social.

No campo do ensino, essa abordagem permite transformar a cidade em um dispositivo pedagógico potente. A experiência concreta dos estudantes com o espaço urbano, os bairros que habitam, os trajetos que percorrem, os territórios que conhecem ou dos quais são excluídos, torna-se ponto de partida para investigações históricas e sociológicas que dialogam

com sua realidade. Ensinar História a partir da cidade é, portanto, mobilizar uma metodologia que conecta conteúdo à vivência cotidiana, promovendo uma aprendizagem situada, crítica e sensível.

Nesta seção, parte-se do princípio de que a cidade pode, e deve, ser compreendida como um campo fértil para práticas pedagógicas situadas, capazes de mobilizar nos estudantes não apenas conteúdos curriculares, mas também experiências sensíveis e críticas. A perspectiva de uma cidade enquanto espaço de ensino e de pesquisa dialoga diretamente com autores que propõem uma pedagogia ancorada no território e nas contradições do cotidiano urbano. Entre essas contribuições, destacam-se as reflexões de Moacir Gadotti (2006) e Laura Antunes Maciel (2016), que oferecem bases complementares para pensar a articulação entre cidade, memória, cidadania e práticas educativas.

A proposta de Gadotti (2006) sobre a cidade educadora é central neste debate. Para o autor, as cidades impactam constantemente a formação de seus habitantes, ainda que de forma espontânea e desordenada, mas podem assumir um papel intencionalmente pedagógico quando orientadas por projetos que promovam a cidadania ampliada. Essa cidade que educa e também se educa é aquela que proporciona a todos os seus cidadãos a possibilidade de participar ativamente da vida pública, de conhecer e transformar o espaço em que vivem. Gadotti ressalta a importância de que as políticas públicas e os espaços urbanos sejam organizados de modo a favorecer a memória, o pertencimento e o engajamento democrático. Nesse sentido, a escola, especialmente a escola pública, torna-se um dos pilares dessa proposta, ao articular currículo, território e cidadania. A formação de sujeitos críticos passa, portanto, pelo reconhecimento da cidade como um documento vivo, cuja leitura possibilita que os estudantes desenvolvam uma compreensão mais profunda das desigualdades e das possibilidades de ação social.

Esse entendimento encontra ressonância na análise feita por Laura Antunes Maciel (2016) a respeito da imprensa operária no Rio de Janeiro entre 1880 e 1920. A autora apresenta os jornais produzidos por trabalhadores como instrumentos de disputa simbólica e política pela memória da cidade e como formas de construção de uma esfera pública popular. Ao investigar os locais de impressão, as associações, os clubes e as sedes dos periódicos, Maciel propõe a noção de uma —cidade feita pelos trabalhadores‡, marcada por práticas coletivas, estratégias de sobrevivência e modos próprios de habitar e significar o espaço urbano. Sua crítica recai sobre o apagamento sistemático dessas experiências nas narrativas

oficiais, bem como na ausência de políticas de preservação patrimonial que reconheçam essas memórias populares.

Tanto Gadotti (2006) quanto Maciel (2026), embora a partir de campos distintos, convergem na ideia de que a cidade é espaço de produção de saberes, de memória e de disputa social, e que reconhecer essa dimensão é fundamental para uma prática pedagógica transformadora. Ao mobilizar esses aportes teóricos, este trabalho propõe o uso da cidade como campo de ensino da História, não apenas enquanto cenário dos acontecimentos, mas como sujeito da análise, um objeto que possibilita ao aluno desenvolver ferramentas críticas para compreender as desigualdades espaciais e raciais que estruturam a experiência urbana.

A proposta pedagógica aqui apresentada busca, assim, articular os conteúdos escolares com a vivência dos alunos nos territórios periféricos e racializados da cidade. Por meio de ferramentas como o mapeamento colaborativo e o uso da plataforma Wikifavelas, pretende-se promover uma leitura ativa e crítica da cidade, onde as marcas da exclusão, da resistência e da produção popular de espaço urbano sejam visibilizadas e debatidas em sala de aula. O olhar para o Rio de Janeiro, mais especificamente para a Reforma Pereira Passos como evento estruturante da desigualdade socioespacial e racial, será o eixo empírico da proposta. Essa escolha se ancora na historiografia que relaciona a modernização urbana do início do século XX à expulsão das populações pobres do centro da cidade e ao processo de favelização, entendido aqui como resultado direto das intervenções higienistas e elitistas do período.

Nesse sentido, pensar a cidade como campo de ensino é, antes de tudo, propor uma prática pedagógica que articule passado e presente, que valorize as experiências das classes populares e que reconheça os espaços urbanos periféricos como fontes legítimas de conhecimento histórico e social. Trata-se de afirmar que o ensino de História pode e deve contribuir para formar sujeitos capazes de transformar a cidade em que vivem, ao mesmo tempo em que reconhecem suas próprias trajetórias como parte da história da cidade.

## **2.1 Apontamentos Teóricos**

A reflexão proposta por Laura Antunes Maciel (2016) sobre a imprensa operária no Rio de Janeiro entre 1880 e 1920 contribui diretamente para a perspectiva adotada neste trabalho, que entende a cidade como um campo de disputa política, simbólica e pedagógica. Ao investigar a atuação dos trabalhadores urbanos na produção de seus próprios periódicos e

na ocupação de sedes, gráficas e associações em diferentes bairros da cidade, Maciel propõe o conceito de uma —cidade feita pelos trabalhadores», cujas marcas e memórias foram sistematicamente apagadas das narrativas oficiais. Essa concepção dialoga com a proposta deste trabalho de promover um ensino crítico da História que valorize as experiências populares e seus vestígios na paisagem urbana. Assim como os jornais operários buscavam enfrentar a hegemonia dos meios de comunicação da elite, articulando uma memória coletiva das lutas e mobilizando o passado como retórica de ação política, este trabalho propõe o uso de ferramentas pedagógicas como mapas colaborativos e o Wikifavelas para reinscrever no ensino da História as práticas de resistência e construção social de espaços urbanos racializados. Ao mapear a repressão institucional e o esquecimento histórico de bairros, práticas e sujeitos, tanto Maciel quanto este trabalho apontam para a necessidade de reconstruir criticamente a memória da cidade, reconhecendo a centralidade das lutas populares na sua formação. Nesse sentido, a articulação entre imprensa, memória e espaço urbano proposta pela autora reforça a importância de mobilizar a cidade como documento vivo e como espaço pedagógico fundamental para um ensino histórico situado e transformador.

A essa leitura crítica da cidade como território de disputa política e narrativa, soma-se a perspectiva formulada por Moacir Gadotti (2006) ao pensar a cidade enquanto projeto pedagógico. Para o autor, as cidades educam espontaneamente por meio das experiências vividas nelas, mas podem se tornar intencionalmente educadoras, quando assumem a formação cidadã como eixo estruturante de sua organização social, cultural e política. A proposta de uma cidade educadora, segundo Gadotti, depende de sua capacidade de garantir a participação democrática de todos os cidadãos na vida pública e de promover políticas de memória, inclusão e pertencimento. Assim como Maciel denuncia o apagamento das experiências operárias nas narrativas urbanas, Gadotti destaca o desafio de construir uma cidade que eduque por meio da justiça, da memória e do reconhecimento. Ambas as abordagens se cruzam na valorização de práticas sociais e culturais como produtoras de conhecimento e na crítica ao modelo elitista de produção do espaço e da memória urbana.

Essa confluência teórica reforça os objetivos deste trabalho, que busca construir um manual pedagógico para o Ensino de História a partir da articulação entre urbanização, racialização e desigualdade socioespacial. Através do uso de tecnologias colaborativas e da análise crítica de fontes sobre a formação do Rio de Janeiro, a proposta visa não apenas

abordar os impactos da reforma urbana e da exclusão territorial, mas também promover a formação de estudantes como sujeitos conscientes de seu papel na cidade. Como destaca Gadotti, a educação cidadã requer o desenvolvimento de uma —leitura do mundo, que permita aos sujeitos enxergar a realidade que os cerca, refletir sobre suas contradições e agir para transformá-la. Nesse sentido, o manual proposto integra-se ao horizonte de uma escola cidadã situada em uma cidade educadora, onde a prática pedagógica colabora para reconstruir memórias silenciadas e fomentar o pertencimento ativo ao território.

Essa confluência teórica é ampliada pelas reflexões apresentadas por Fenelon, Maciel, Almeida e Khoury (2004), que defendem a importância de reconhecer e valorizar as múltiplas memórias que atravessam a história oficial. Para os autores, a História ensinada nas escolas costuma reproduzir narrativas hegemônicas que silenciam sujeitos, territórios e práticas populares. Ao reivindicar "muitas memórias" como ponto de partida para "outras histórias", os autores apontam para a urgência de incorporar no ensino as vozes historicamente excluídas e os saberes inscritos nos territórios periféricos. Essa abordagem reforça o compromisso deste trabalho com a valorização das experiências dos sujeitos subalternizados e com a construção de um ensino de História comprometido com a justiça social e a pluralidade de perspectivas.

Nessa mesma direção, Santos (2002) propõe o conceito de —História do lugar como método de ensino e pesquisa para o ensino básico, enfatizando a importância de partir da experiência territorial concreta dos estudantes para a construção do conhecimento histórico. Para o autor, o território vivido deve ser tratado como um espaço epistemológico relevante, cujas marcas materiais, sociais e simbólicas oferecem possibilidades ricas de análise. Tal proposta reforça a centralidade do espaço urbano como fonte e conteúdo no processo de aprendizagem, permitindo aos alunos perceberem-se como sujeitos históricos e participantes ativos da produção social do lugar que habitam. Incorporar a História do lugar ao ensino significa, portanto, fazer da escola um espaço de escuta e de elaboração crítica sobre o território, suas memórias e conflitos.

Dessa forma, os objetivos deste trabalho se fortalecem: construir um manual pedagógico para o Ensino de História a partir da articulação entre urbanização, racialização e desigualdade socioespacial. Através do uso de tecnologias colaborativas e da análise crítica de fontes sobre a formação do Rio de Janeiro, a proposta visa não apenas abordar os impactos da reforma urbana e da exclusão territorial, mas também formar estudantes como sujeitos conscientes de seu papel na cidade. Como destaca Gadotti, a educação cidadã requer o

desenvolvimento de uma leitura do mundo que permita aos sujeitos enxergar a realidade que os cerca, refletir sobre suas contradições e agir para transformá-la. Nesse sentido, o manual proposto integra-se ao horizonte de uma escola cidadã, situada em uma cidade educadora, onde a prática pedagógica colabora para reconstruir memórias silenciadas e fomentar o pertencimento ativo ao território.

A articulação entre Maciel (2016), Gadotti (2006) e Fenelon et al. (2004) e Santos (2002) sustenta, portanto, a base teórica desta proposta: se a cidade pode ser lida como arquivo, palimpsesto e campo de disputas, ela também pode ser mobilizada como espaço de aprendizagem crítica, em que o ensino da História promova a elaboração de novas narrativas sensíveis à experiência dos sujeitos marginalizados. O diálogo entre cidade, memória e educação, longe de ser abstrato, é aqui proposto como prática concreta de ensino, especialmente quando se trata de pensar o território das favelas e periferias não como espaços de ausência, mas como lugares de produção histórica, cultural e política.

As reflexões apresentadas até aqui sustentam a concepção da cidade como espaço simultaneamente simbólico, político e pedagógico. A partir dos aportes teóricos de Gadotti (2006), Maciel (2016), Fenelon et al. (2004), Santos (2002) e outros autores, foi possível demonstrar como o espaço urbano não apenas abriga as práticas educativas, mas também as produz, disputa e condiciona. Assumir a cidade como campo de ensino significa compreendê-la como materialidade histórica e como linguagem — uma superfície marcada por camadas de exclusão, resistência e disputas de memória, que pode e deve ser mobilizada como ferramenta de análise crítica no ensino de História.

Essa perspectiva nos leva a reconhecer que não há neutralidade na forma como a cidade é ensinada ou experienciada. Os espaços urbanos carregam sentidos inscritos por políticas de planejamento, por narrativas dominantes e por silenciamentos estruturais — especialmente aqueles relacionados à classe, raça e território. Por isso, ao propor a cidade como objeto de ensino, este trabalho busca romper com uma abordagem abstrata e despolitizada da História, oferecendo caminhos para uma prática pedagógica situada, sensível e transformadora.

Com base nesse marco conceitual, a próxima seção se dedica a apresentar o Rio de Janeiro como caso metodológico, explorando suas especificidades históricas e urbanas a partir de um evento paradigmático: a Reforma Pereira Passos (1902–1906). Entendida aqui

como um "evento", no sentido proposto por Marshall Sahlins (2008), essa reforma será analisada não apenas como conjunto de obras urbanísticas, mas como ponto de inflexão na conformação de uma cidade racializada, partida e excludente — um processo cujos efeitos persistem e moldam até hoje a experiência urbana nas periferias cariocas.

A mobilização da Reforma Pereira Passos como eixo de análise permite, portanto, articular o plano teórico às possibilidades metodológicas concretas, orientando a construção de um produto pedagógico que visa promover uma leitura crítica do espaço urbano, com ênfase nas dinâmicas históricas de racialização e desigualdade. É nessa chave que o Rio de Janeiro deixa de ser apenas o cenário da proposta pedagógica e passa a ser, também, seu objeto analítico central.

### 3. POSSIBILIDADES METODOLÓGICAS: O RIO DE JANEIRO COMO CASO

Compreender a cidade como um objeto pedagógico implica deslocá-la de seu lugar habitual de cenário e transformá-la em protagonista de narrativas históricas plurais, em que disputas por memória, território e pertencimento estão em permanente tensão. Nesse sentido, o caso do Rio de Janeiro, especialmente na virada do século XIX para o XX, oferece um campo privilegiado para o exercício de uma abordagem metodológica que privilegia o estudo situado, comprometido com as experiências populares e com a crítica às narrativas urbanas hegemônicas.

Inspirado nas reflexões de Joaquim Justino Moura dos Santos (2002), este capítulo propõe a mobilização da cidade como ferramenta de ensino a partir da *história do lugar*, isto é, da investigação das tramas sociais, espaciais e simbólicas que constituem os territórios a partir das experiências de seus próprios moradores. Santos (2002) defende que o lugar, entendido como expressão da historicidade vivida, é também um documento, um texto a ser lido, interpretado e debatido nas salas de aula. Nesse sentido, ao invés de abordar a cidade a partir de abstrações e modelos generalizantes, o ensino da História pode e deve se valer das singularidades locais, valorizando fontes do cotidiano, memórias e formas de habitar que foram sistematicamente apagadas das versões oficiais da história urbana brasileira.

Essa proposta se articula diretamente à crítica ao apagamento das favelas como parte constitutiva do tecido urbano da cidade do Rio de Janeiro. Nesse sentido, compreendemos que as favelas não são produtos marginais da urbanização, mas expressão legítima e central da história da cidade. Desconstruir a narrativa de que "antes não havia nada", típica de discursos fundacionais sobre as favelas, é reconhecer que esses territórios foram ocupados, construídos e transformados a partir das ausências do Estado e da presença ativa dos sujeitos populares. As histórias de chegada, permanência, luta por infraestrutura e afirmação identitária mostram que os territórios populares guardam formas próprias de conhecimento e pertencimento que devem ser mobilizadas no ensino de História.

Mais recentemente, como argumenta Cruz (2024), os territórios periféricos têm se articulado em torno de uma nova frente de disputa simbólica e política: a produção de dados. Cruz (2024) mostra que, nas últimas duas décadas, coletivos de favelas e periferias vêm mobilizando metodologias estatísticas como repertório de ação coletiva. A produção de dados nesses contextos não se limita à mensuração ou descrição técnica de problemas sociais, ela é

também uma forma de existência política, uma prática que reivindica o direito de narrar e representar a própria realidade a partir de dentro.

A produção de dados aparece como resposta às ausências e distorções promovidas pelas estatísticas oficiais. Contar-se e mapear-se, nesses territórios, é construir visibilidade, disputar o imaginário urbano e consolidar reivindicações por políticas públicas mais justas. Para Cruz (2024), produzir dados na favela não se trata apenas de uma mobilização da operacionalidade estatística e/ou acadêmica, mas é também uma ferramenta política para pautar suas demandas e construir uma imagem desprendida das narrativas negativas historicamente atribuídas às favelas e aos seus habitantes.

Ao articular essas experiências à proposta pedagógica deste trabalho, entende-se que a cidade, especialmente os territórios populares, podem ser mobilizados como espaços de aprendizagem crítica, onde o ensino de História se conecta às formas locais de conhecimento, resistência e autoafirmação. A produção de dados, nesse sentido, também pode ser entendida como prática educativa: uma forma de ensinar e aprender sobre si, sobre o território e sobre as estruturas que produzem desigualdade.

Com base nesse marco interpretativo, este capítulo parte da ideia de que o Rio de Janeiro pode e deve ser mobilizado como estudo de caso para a construção de práticas pedagógicas comprometidas com uma leitura crítica do espaço urbano. Ao se debruçar sobre a Reforma Pereira Passos (1902–1906) como um *evento* no sentido proposto por Marshall Sahlins (2008), busca-se compreender como intervenções urbanas específicas condensam e transformam estruturas de longa duração, especialmente aquelas ligadas à racialização do espaço, à segregação socioespacial e à gestão desigual da cidade. Ao longo do capítulo, a análise historiográfica da reforma será articulada com suas repercussões na formação das favelas, nas políticas de remoção e no imaginário urbano, sempre com o objetivo de construir ferramentas metodológicas que orientem um ensino situado, dialógico e politicamente engajado com as realidades periféricas.

### **3.1 A historiografia da “Cidade Partida”**

A cidade do Rio de Janeiro, especialmente na virada do século XIX para o XX, oferece um terreno fecundo para a análise de processos sociais estruturantes da história urbana brasileira. É nesse contexto que propomos a compreensão da chamada Reforma Pereira Passos (1902–1906) não apenas como um conjunto de obras e intervenções urbanas,

mas como um evento no sentido atribuído por Marshall Sahlins (2008): um acontecimento histórico que, embora ancorado em uma conjuntura específica, condensa e transforma estruturas de longa duração, reconfigurando a forma como determinados processos são vividos e inscritos no espaço social (Monteiro-Macedo, 2023).

Neste capítulo, propõe-se, portanto, mobilizar o caso da cidade do Rio de Janeiro como uma chave metodológica para abordar questões mais amplas da história do Brasil pós-abolição, especialmente no que tange às relações entre urbanização, racialização e exclusão social. A formação do espaço urbano carioca, seus projetos de modernização e os sujeitos que foram incorporados ou expulsos dessa narrativa são elementos que tornam a cidade um objeto pedagógico poderoso, sobretudo quando se pensa em estratégias de ensino de História voltadas para o desenvolvimento da consciência crítica.

Como elaborado por Monteiro-Macedo (2023), a Reforma Pereira Passos foi amplamente analisada por diferentes vertentes historiográficas. No entanto, como ponto de partida para esta discussão, é importante destacar que, a partir da década de 1980, sob o impacto do processo de redemocratização do país e das reflexões sobre a ditadura militar (1964–1985), houve uma reformulação interpretativa significativa sobre esse evento. Pesquisadores e pesquisadoras vinculados ao Departamento de História da Universidade Federal Fluminense (UFF) e ao Departamento de Geografia e Planejamento Urbano da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) foram protagonistas de uma produção que, à luz da teoria marxista, passou a enxergar a reforma não como um projeto neutro de "embelezamento" ou "higienização", mas como um momento fundador da desigualdade urbana no Rio de Janeiro.

A autora, ao retomar a produção historiográfica da década de 1980, particularmente nos programas de pós-graduação da Universidade Federal Fluminense (UFF) e da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), observou, a partir de uma leitura crítica, a consolidação de que conferiu à reforma urbana de Pereira Passos o estatuto de mito fundador da cidade partida. A partir de estudos como os de Lia de Aquino Carvalho (1980), Jaime Larry Benchimol (1982), Oswaldo Porto Rocha (1983), Maurício Abreu (1984, 1987) e Sidney Chalhoub (1984), estabeleceu-se uma interpretação que associa a reforma à institucionalização de dinâmicas segregatórias e à origem do processo de favelização como um fenômeno estrutural.

Lia Carvalho (1980), em sua dissertação "Habitações Populares", analisou a crise habitacional que se agravou na transição do trabalho escravizado para o trabalho livre, destacando o papel da especulação imobiliária e das políticas estatais no agravamento da exclusão territorial. Para a autora, o Estado e o capital industrial agiram de forma articulada, eliminando as habitações populares e deslegitimando os modos de morar das classes trabalhadoras em nome de um projeto higienista e modernizador. É nesse contexto que as favelas emergem como solução prática para o déficit habitacional que se aprofundava, especialmente após a reforma de Pereira Passos.

Já Benchimol (1982), em "Pereira Passos: um Haussmann Tropical", elaborou uma narrativa centrada no embate entre modernidade e tradição, revelando como a reforma urbana foi alicerçada numa ideologia de civilização que criminalizava os hábitos populares e impunha uma moralidade burguesa sobre o uso do espaço urbano. Ao discutir a atuação policial e as políticas de fiscalização dos maus costumes, o autor ilumina como o processo de modernização não apenas deslocou fisicamente os mais pobres, mas também impôs um regime simbólico que marginalizava sua presença na cidade formal. Ao final, Benchimol conclui que a favela é a consequência direta da intervenção burguesa e estatal no tecido urbano da capital.

Três anos após a defesa da dissertação de Lia Carvalho (1980), no mesmo departamento de pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense, Oswaldo Porto Rocha (1983) defendeu a dissertação "A Era das Demolições: cidade do Rio de Janeiro (1870-1920)". Rocha, dialogando com a tradição crítica inaugurada por Carvalho, Benchimol e Abreu, destacou o papel do Clube de Engenharia e das empresas de transporte no planejamento e execução da reforma urbana. Sua análise evidencia o entrelaçamento entre o poder público e os interesses privados na configuração do espaço urbano. Além disso, Rocha introduz uma abordagem inovadora ao mobilizar fontes culturais – literatura, música e representações do cotidiano popular – como contraponto ao discurso oficial da modernização. Em sua análise, as práticas culturais das classes populares foram formas de resistência simbólica à cidade higienizada e elitista.

Maurício Abreu, por sua vez, em seus textos de 1984 e 1987, articulou os processos de urbanização ao modelo centro-periferia, analisando como a expansão dos meios de transporte, combinada com políticas estatais e interesses capitalistas, deu origem a uma cidade segregada. Ao discutir o surgimento das favelas como resultado da reforma urbana,

Abreu desloca o foco da origem mítica de Canudos para a lógica excludente do urbanismo republicano. Para ele, a favela é uma forma de habitar construída como resposta à política de remoções e à ausência de alternativas de moradia para os trabalhadores pobres.

A esse conjunto de obras soma-se a dissertação de Sidney Chalhoub (1984), publicada em 2001 como o livro "Trabalho, Lar e Botequim". Com uma abordagem centrada no cotidiano dos trabalhadores, Chalhoub utilizou os arquivos criminais para revelar as formas de controle social, racial e ideológico exercidas sobre a população pobre e majoritariamente negra. Seu trabalho evidencia como o discurso da ordem e da civilização serviu para justificar a repressão policial, a criminalização da informalidade e a imposição de uma nova moralidade urbana, compatível com os valores do capitalismo nascente. Ao observar a reorganização do cotidiano dos trabalhadores no contexto das reformas urbanas, Chalhoub amplia a compreensão dos efeitos da modernização sobre a vida popular, incluindo as dimensões raciais e de classe na análise do espaço urbano.

A partir dessas contribuições, é possível compreender que o processo de reformulação do Rio de Janeiro não foi apenas uma operação estética ou técnica, mas um projeto político de reorganização do espaço urbano que visava responder aos desafios da República e da abolição da escravidão. A Reforma Pereira Passos emerge, assim, como evento estruturante da desigualdade espacial brasileira. O deslocamento das populações pobres, a criminalização de seus modos de viver e a posterior ocupação dos morros e periferias não foram efeitos colaterais, mas elementos constitutivos do projeto de cidade que se consolidava. As favelas, nesse contexto, são expressões materiais das contradições do modelo de modernização urbano-capitalista implementado no início do século XX.

A análise documental feita por esses pesquisadores, especialmente com base no acervo do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, permitiu o resgate das tramas sociais e políticas que atravessaram a modernização urbana. Essa literatura identificou a Reforma como ponto de inflexão na história da cidade, ao relacionar diretamente suas ações com o processo de favelização e com a institucionalização de um modelo de cidade excludente, racializada e dual. Nesse sentido, a produção sobre a Reforma Pereira Passos da década de 1980 construiu o que podemos chamar de um mito fundacional da cidade partida: uma cidade dividida entre centro e periferia, entre legalidade e informalidade, entre os que têm acesso pleno aos direitos urbanos e os que são sistematicamente marginalizados.

Essa chave interpretativa foi fundamental para pensar as relações entre as políticas urbanas da Primeira República e as remoções de favelas durante a ditadura militar. Nos anos 1960 e 1970, o crescimento populacional das favelas, os deslizamentos de terra e a intensificação das intervenções urbanas contribuíram para consolidar a favela como "problema" público. A CHISAM (Coordenação de Habitação de Interesse Social da Área Metropolitana), criada em 1968, foi o órgão responsável por sistematizar as remoções, muitas vezes utilizando justificativas técnicas e morais para legitimar o deslocamento forçado de milhares de famílias.

A história da reforma urbana de Pereira Passos passou a ser mobilizada como referência histórica dessas práticas, sendo interpretada como momento de ruptura e ao mesmo tempo continuidade com relação à violenta reorganização espacial promovida nas décadas posteriores. Assim, a cidade tornou-se objeto e sujeito da produção historiográfica, articulando teoria social, experiência urbana e memória coletiva.

Tomar essa abordagem como referência para o ensino de História permite, também, inserir os(as) estudantes em uma reflexão sobre as formas de apropriação e representação da cidade. A partir de fontes diversas como jornais de época, fotografias, documentos oficiais, mapas e outros registros, é possível propor uma investigação crítica sobre como o espaço urbano foi moldado por disputas raciais, políticas e econômicas. Essa abordagem dialoga com a proposta de Zabala (1998) de que a aprendizagem significativa precisa estar vinculada à dimensão axiológica do conhecimento, ou seja, ao reconhecimento dos valores e das disputas que atravessam os conteúdos escolares.

Nesse sentido, a cidade torna-se laboratório vivo de ensino-aprendizagem (Gadotti, 2006), um espaço em que a experiência concreta dos estudantes pode ser articulada com os conceitos históricos trabalhados em sala. Analisar as tensões urbanas da Primeira República à luz do presente, explorando as continuidades dos processos de exclusão, permite aos alunos compreenderem a longa duração dos problemas urbanos, incentivando-os a pensar o tempo histórico de maneira ativa e situada.

Em síntese, este capítulo defende que o uso pedagógico da cidade do Rio de Janeiro como estudo de caso oferece potente ferramental metodológico para discutir a formação da cidade, as disputas sobre essa narrativa, as políticas de habitação, os processos de racialização do espaço e as memórias subterrâneas que persistem nos territórios populares. Mais do que

um objeto de ensino, a cidade pode ser mobilizada como um campo de disputa simbólica, material e historiográfica, contribuindo para a formação de sujeitos críticos e conscientes de seu papel na transformação social.

Ao longo deste capítulo, buscamos evidenciar como o caso da cidade do Rio de Janeiro, especialmente a partir da análise da Reforma Pereira Passos e das disputas historiográficas em torno da sua memória, pode ser mobilizado como ferramenta metodológica e pedagógica no ensino de História. Ao tratar a cidade como documento, como lugar de memória e como campo de disputa simbólica e política, construímos um percurso que articula as tramas históricas da urbanização com os processos de racialização, exclusão social e resistência popular. Além disso, ao incorporar experiências recentes de produção de dados e narrativas pelas próprias favelas, mostramos como os territórios populares são também espaços vivos de produção de conhecimento.

Essa chave interpretativa, que reúne lugar, memória e agência, abre caminho para a próxima etapa desta reflexão: a proposição de práticas pedagógicas que materializam essa abordagem em sala de aula. É nesse horizonte que se insere a plataforma Wikifavelas – Dicionário de Favelas Marielle Franco, objeto do próximo capítulo. Compreendida como uma ferramenta de cartografia social e construção coletiva de saberes, a Wikifavelas representa uma iniciativa concreta de disputa por representação, memória e direito à cidade a partir das experiências das favelas e periferias.

No capítulo seguinte, discutiremos como a plataforma pode ser apropriada por professores e estudantes como recurso didático potente, articulando cidade e memória no ensino de História. Trata-se de explorar os usos pedagógicos da Wikifavelas como um instrumento para desestabilizar narrativas hegemônicas e estimular a produção de novas narrativas críticas sobre os territórios populares, construídas com os sujeitos históricos e não apenas sobre eles. Assim, passamos do debate historiográfico à ação educativa, da crítica à prática, da cidade como objeto de análise à cidade como campo de intervenção pedagógica.

#### 4. WIKIFAVELAS COMO FERRAMENTA DE ENSINO: PRÁTICAS COLABORATIVAS NO ENSINO DE HISTÓRIA

Criada em 2018, a Wikifavelas é fruto de um esforço coletivo de diversas universidades, pesquisadores, comunicadores, ativistas e moradores de favelas. Como explicam Polycarpo, Fornazin e Fleury (2019), a plataforma foi concebida como um espaço digital de armazenamento, sistematização e difusão de conhecimentos sobre e a partir das favelas. Inspirado em modelos de produção aberta e horizontal de informação, como a Wikipédia, o projeto propõe um dicionário vivo e em constante atualização, onde as favelas não são meros objetos de estudo, mas sujeitos produtores de conhecimento, capazes de nomear, interpretar e representar a própria realidade.

Com o objetivo de possibilitar uma construção coletiva de saberes territorializados, um grande compromisso assumido pela plataforma se dá como uma —ação ampla de direito à memória (Polycarpo *et al.*, 2019, p.527). Porém, segundo os autores, essa iniciativa também se demonstra desafiadora, visto que:

[...] as grandes transformações reclamadas pelos moradores tocam diretamente na preservação da linguagem. Um simples levantamento bibliográfico revelará que não existe material dessa envergadura, mesmo que já reconheçamos as peculiaridades comunicativas que só existem nas favelas. Segundo, porque a proposta é que a produção seja coletiva, participativa e aberta. O próprio morador poderá compartilhar como ele utiliza a linguagem para se reorientar diante da vida. E é de reconhecimento de que muitos moradores, de diferentes idades, em determinadas localidades possuem dificuldades no acesso à internet. Terceiro, porque tudo indica que, com a velocidade das transformações, em pouco tempo uma geração nascida no século passado não estará mais aqui. Essa geração na favela passou precariamente pelos meios tradicionais de alfabetização; a comunicação e o sentido de pertencimento têm se produzido, essencialmente, através da preservação da memória com a oralidade. Quarto, porque o material possibilita inserir a discussão sobre a memória nos projetos e políticas públicas da/para a cidade, reivindicando a tensão e construção da cidadania. Este Dicionário, portanto, pode ser considerado um patrimônio acumulável de memória que servirá de forma transdisciplinar para estimular e elevar a qualidade dos debates nas diferentes arenas socioterritoriais (Polycarpo *et al.*, 2019, p.527)

O nome "Marielle Franco" carrega, desde a origem, um posicionamento político e epistemológico. Inspirada na lógica aberta e horizontal da Wikipedia, a Wikifavelas constitui-se como um bem coletivo, sustentado tanto por uma infraestrutura tecnológica quanto por uma comunidade diversa de colaboradores: pesquisadores, militantes, artistas, comunicadores populares e moradores de favelas que, juntos, produzem verbetes, artigos, mapas, imagens, registros audiovisuais e linhas do tempo, acessíveis de forma livre e gratuita.

A proposta metodológica da Wikifavelas está ancorada em uma concepção sociotécnica de plataforma: ela é ao mesmo tempo espaço digital e espaço social, uma comunidade em rede que articula diferentes saberes e experiências para construir um repositório vivo e em constante transformação. Essas oportunidades são ampliadas por meio de estratégias de mobilização digital e territorial, oficinas de formação e articulação contínua com coletivos, instituições de pesquisa e movimentos sociais.

Embora a plataforma se inspire na estrutura da Wikipédia, sua vocação é distinta: enquanto a enciclopédia digital global se apoia na neutralidade enciclopédica e na amplitude temática, a Wikifavelas assume um posicionamento político explícito, comprometido com a visibilidade das favelas como territórios de saber, memória e agência. Como argumentam Polycarpo, Fornazin e Fleury (2019), o Dicionário nasce como resposta ao apagamento histórico, epistemológico e midiático das favelas, propondo uma ontologia própria de produção de conhecimento a partir das margens.

**Figura 1 - Interface inicial Wikifavelas: Dicionário de Favelas Marielle Franco**



Fonte: A autora, 2025.

Em um texto escrito em 2013, Dênis de Moraes apontou para a emergência de

arranjos comunicacionais alternativos na América Latina voltados à democratização da informação e à disputa simbólica com os grandes monopólios midiáticos. Tal como a tradição das mídias populares e independentes no continente, da Prensa Latina à mídia comunitária nas periferias urbanas, podemos pensar a Wikifavelas como uma plataforma se alinha às experiências contra-hegemônicas em rede analisadas por Moraes (2013), visto que esta atua na contracorrente do silenciamento e da criminalização das populações faveladas, promovendo outra forma de narrar a cidade, a partir das vozes que historicamente foram silenciadas.

A mobilização em torno da Wikifavelas envolve tanto ações espontâneas quanto convites estratégicos a colaboradores identificados com os temas da plataforma. A curadoria é realizada por um Conselho Editorial multidisciplinar, que assegura critérios mínimos de qualidade e coerência política, sem restringir a pluralidade das abordagens e formas de expressão. Essa estrutura permite articular a credibilidade acadêmica com os saberes territoriais, respeitando os ritmos e modos de organização das comunidades envolvidas.

Ao reunir diferentes linguagens como verbetes enciclopédicos, relatos orais, cartografias, imagens e produções culturais, o Wikifavelas consolida-se como um espaço de disputa por memória e narrativa, especialmente no que diz respeito às experiências populares urbanas. Seu uso em sala de aula oferece aos estudantes acesso a conteúdos que dialogam diretamente com suas vivências, ao mesmo tempo em que estimula práticas de leitura crítica, pesquisa colaborativa e produção autoral de conhecimento.

Fenelon, Maciel, Almeida e Khoury (2004) ressaltam a importância de valorizar muitas memórias e outras histórias no ensino de História, entendendo que a memória social é um terreno de conflito e disputa simbólica. Ao romper com a lógica unívoca das grandes narrativas, essas autoras e autores reivindicam o reconhecimento das memórias subterrâneas, marcadas por apagamentos, silenciamentos e exclusões, como parte legítima do patrimônio histórico. O compromisso com outras histórias implica, assim, ampliar o repertório de fontes e vozes, mobilizando sujeitos historicamente marginalizados como agentes de enunciação e produção de sentido.

Desse modo, a Wikifavelas não é apenas uma ferramenta digital, mas uma infraestrutura política e pedagógica que possibilita o acesso a histórias outras, muitas vezes ausentes dos livros didáticos ou dos currículos escolares. Ela se torna um recurso potente para

a valorização das juventudes periféricas, o combate às narrativas hegemônicas e a construção de uma consciência histórica situada e transformadora.

A partir dessas reflexões, a segunda parte do capítulo apresentará um plano de aula com possibilidades de práticas pedagógicas, baseadas na utilização da plataforma em sala de aula, articulando conteúdos curriculares com atividades que podem ir desde a análise e produção de verbetes, leitura de mapas urbanos, construção de linhas do tempo e produção de novos conteúdos colaborativos. Tais propostas visam estimular uma pedagogia da presença e da escuta, em que os(as) estudantes sejam protagonistas na investigação dos próprios territórios, reconhecendo marcas do passado, resistências e produções culturais locais.

Além disso, essa seção se pretende estratégica, como tentativa de envolver os docentes na apropriação crítica da plataforma, por meio da criação de oficinas de formação continuada, práticas interdisciplinares e produção coletiva de conteúdos em parceria com estudantes. Por fim, retoma-se a centralidade da cidade como laboratório de ensino, destacando que o uso da Wikifavelas propicia uma experiência de aprendizagem situada, crítica e transformadora, em que os estudantes se veem como sujeitos produtores de história e conhecimento. A proposta se alinha, assim, às diretrizes de uma educação comprometida com o fortalecimento das juventudes como protagonistas na leitura e na transformação da cidade.

#### **4.1. Plano de Aula: Investigando a Cidade e a Memória Comunitária com o Wikifavelas**

Este plano de aula destina-se a turmas do 9º ano do Ensino Fundamental II e do 2º ano do Ensino Médio, tendo como eixo central a integração entre práticas pedagógicas críticas e a plataforma Wikifavelas – Dicionário de Favelas Marielle Franco. A proposta convida estudantes a refletirem sobre a formação social e urbana do Rio de Janeiro, enfatizando as desigualdades, as resistências locais e os saberes produzidos nos territórios periféricos, articulando-os com as memórias e as histórias comunitárias. A concepção da aula é inspirada na entrevista de Cláudia Rose<sup>1</sup>, historiadora, educadora popular e moradora do Complexo da Maré, ao projeto Memória Viva, organizado pelo Wikifavelas<sup>2</sup>. Esta proposta de intervenção

<sup>1</sup> A entrevista completa pode ser acessada através do seguinte link:

[https://wikifavelas.com.br/index.php/C1%C3%A1udia\\_Rose\\_Ribeiro\\_da\\_Silva\\_\(Mem%C3%B3ria\\_Viva\)](https://wikifavelas.com.br/index.php/C1%C3%A1udia_Rose_Ribeiro_da_Silva_(Mem%C3%B3ria_Viva))

<sup>2</sup> Memória Viva é um projeto que reúne entrevistas com lideranças comunitárias de vários territórios da cidade do Rio de Janeiro, produzido pela equipe do Dicionário de Favelas Marielle Franco. A cada episódio, há um bate papo sobre as trajetórias de lideranças de favelas do Rio de Janeiro. A ideia do projeto é criar um espaço de conversa no qual moradores possam reviver lembranças do passado, fazer análises da presente conjuntura e

pedagógica propõe o desenvolvimento das seguintes habilidades: (EF09HI01), (EF09HI03), (EF09HI04), (EF09HI05), (EF09HI07) e (EF09HI08).

## MODELO DE PLANO DE AULA OU ATIVIDADE

### Nível de ensino:

1º Segmento do Ensino Fundamental

2º Segmento do Ensino Fundamental

Ensino Médio

**Ano/Série:** 9º ano

**Duração:** 150 minutos

### Tema:

Urbanização, cultura material e disputas de memória na formação da cidade do Rio de Janeiro

### Problema:

Como os objetos, espaços e narrativas esquecidas ou apagadas podem ser mobilizados como fragmentos de memória para reconstruir histórias negras e populares na cidade?

De que forma a urbanização do Rio de Janeiro, especialmente no início do século XX, se relaciona com processos de apagamento simbólico, material e territorial das populações negras?

### Objetivo Geral:

Compreender como o projeto urbanístico da Primeira República no Rio de Janeiro articulou-se a processos de embranquecimento e apagamento das presenças negras, e refletir sobre os usos da memória e da cultura material como instrumentos de resistência e reconstrução histórica.

### Objetivos Específicos:

- Analisar a cidade como espaço de disputa simbólica, racial e política.
- Investigar o uso de objetos, imagens e registros orais como fontes para a reconstrução de memórias subalternizadas.

- Discutir a construção da memória como campo de poder, tensionando as formas hegemônicas de narrar o passado.
- Compreender as ideologias raciais (como o embranquecimento) que orientaram os projetos de modernização urbana na virada do século XIX para o XX.
- Incentivar o olhar crítico para os territórios populares e suas formas próprias de produzir, preservar e transmitir conhecimento histórico.
- Abordar a cidade como um objeto capaz de demonstrar essas diferentes temporalidades e disputas

**Conceitos/Noções:**

- Urbanização
- Memória
- Cultura Material
- Embranquecimento
- Fontes Históricas
- Tempo Histórico
- Formação Cultural

**Conteúdos:**

<b>CONTEÚDOS FACTUAIS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Primeira República e suas características</li> <li>- Reforma Pereira Passos</li> <li>- Memória e Tempo Histórico</li> <li>- Urbanização</li> </ul>
<b>CONTEÚDOS PROCEDIMENTAIS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Leitura e análise dos objetos</li> <li>- Interpretação das disputas em torno da memória</li> <li>- pensar as mudanças realizadas no espaço como fonte</li> <li>- Discussões sobre os espaços de produção de memória periféricos no contexto do Rio de Janeiro</li> </ul>
<b>CONTEÚDOS ATITUDINAIS</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Desenvolvimento de um olhar crítico para o papel e a formação da memória</li> <li>- Análise da cidade como um objeto de estudo</li> <li>- Refletir sobre o papel da questão racial no processo de formação do Brasil republicano</li> </ul>

**Recursos Didáticos:**

- Quadro
- Datashow (projektor)
- Computador
- Livro didático
- 

**Procedimentos e Estratégias:****1. Abertura da aula - Roda de escuta: “O que é memória para você?” (15 min)**

Inicie a aula com uma conversa aberta: convide os(as) estudantes a compartilharem o que entendem por —memória e quais memórias do bairro ou da comunidade consideram importantes preservar. Estimule a escuta atenta entre os colegas e valorize histórias do cotidiano.

**Objetivo:** ativar repertórios próprios e mostrar que a memória histórica também nasce das vivências populares, familiares e territoriais.

**2. Apresentação dialógica - Cidade, desigualdade e cultura material (20 min)**

Apresente, de forma acessível e dialogada, o contexto da urbanização do Rio de Janeiro no início do século XX, especialmente as reformas lideradas por Pereira Passos. Aborde como essas transformações foram marcadas por lógicas raciais e de exclusão, provocando remoções e apagamentos da presença negra e popular na cidade.

Sugestão: mostre imagens antigas do Rio de Janeiro e discuta com a turma:

- Quem aparece nas fotos?
- Quem foi retirado dos lugares em nome do —progresso?
- Que memórias foram apagadas junto com os espaços?

**3. Leitura compartilhada - A potência da memória, por Cláudia Rose (15 min)**

Apresente um trecho da entrevista de **Cláudia Rose** (historiadora, educadora popular e moradora da Maré) ao projeto *Memória Viva*, no qual ela narra a criação do Museu da Maré como uma resposta política à invisibilização das lutas e memórias das favelas.

**Trecho sugerido:**

*—As nossas lutas representadas no museu. Entende o poder desse lugar? [...] O museu é também um lugar de mostrar a luta das pessoas que moram aqui.‖*

Promova uma breve reflexão:

- Por que Cláudia afirma que o museu era —a única coisa que faltava?

- O que significa ter um museu dentro da favela?
- Como a memória pode ser uma forma de resistência?

#### **4. Navegação orientada – Explorando a Wikifavelas (30 min)**

Organize a turma em grupos e proponha uma navegação pela plataforma Wikifavelas. Oriente os grupos a explorar verbetes relacionados ao território da escola ou da Maré, como: —Museu da Maré, —Reforma Passos, —Cultura Negra, —Remoções, —Comunicação comunitária.

Cada grupo pode responder:

- O que esse verbete ensina sobre o território?
- Que tipo de memória está sendo registrada ali?
- O que mais poderia ser incluído?

#### **5. Atividade avaliativa – “Fragmentos da nossa memória”**

Proponha que os(as) estudantes criem um micro verbete inspirado no Wikifavelas. Cada grupo ou estudante deve escolher uma memória local (história, lugar, personagem, evento) e escrever um pequeno texto que poderia compor um verbete da plataforma. Eles podem complementar com desenhos, fotos, mapas afetivos ou entrevistas com familiares e vizinhos.

Exemplos de temas sugeridos:

- Um bloco de carnaval do bairro
- Uma figura importante da comunidade
- Um espaço cultural
- Uma tradição local

Essas produções podem compor um mural coletivo na escola ou serem reunidas em um arquivo digital intitulado —Nosso território, nossa história. A avaliação será formativa, valorizando:

- A capacidade de mobilizar memórias locais e familiares;
- A apropriação crítica da cidade como espaço de disputa de narrativas;
- O envolvimento com a produção de conhecimento autoral e colaborativo;

- A articulação entre saber escolar e saber do território.

## 4.2. Da cidade como arquivo à favela como autoria

Como vimos no capítulo anterior, mobilizar a cidade do Rio de Janeiro como objeto pedagógico implica deslocar seu status tradicional de cenário e tratá-la como documento histórico, lugar de memória e campo de disputa simbólica. A análise da Reforma Pereira Passos, compreendida como um evento estruturante da desigualdade urbana e racial na Primeira República, demonstrou como a modernização da cidade foi acompanhada do apagamento de presenças negras e populares, da reconfiguração violenta do espaço urbano e da produção de um imaginário segregador que atravessa a cidade até os dias atuais. Nesse contexto, ensinar História é também ensinar a ler os rastros e silêncios da cidade — uma leitura que demanda método, escuta e engajamento com as experiências territoriais.

É justamente nesse horizonte que a plataforma Wikifavelas – Dicionário de Favelas Marielle Franco se apresenta como uma ferramenta pedagógica potente. Se a historiografia crítica revelou os mecanismos de exclusão que organizaram a cidade, a Wikifavelas oferece caminhos para reverter tais apagamentos, ao articular saberes acadêmicos e populares na construção de uma memória plural, insurgente e situada. Seu uso no ensino de História não se limita à consulta digital, mas envolve práticas de investigação coletiva, produção de narrativas e escuta ativa dos territórios, transformando os(as) estudantes em sujeitos de memória e pesquisa.

Mais do que um repositório de verbetes, a Wikifavelas é uma infraestrutura de cidadania, que desafia a lógica da neutralidade e afirma o direito das favelas de nomear-se, narrar-se e projetar-se no espaço público. Ao permitir que escolas, professores(as) e estudantes atuem como colaboradores dessa plataforma, ela inaugura uma pedagogia comprometida com a formação de sujeitos críticos e implicados com a transformação da realidade. Trata-se de uma pedagogia da cidade vivida e disputada — aquela que, como afirmou Cláudia Rose, se encontra nas vielas, nos nomes das ruas e nas histórias dos vizinhos, e não apenas nos grandes monumentos.

Ao conectar essas dimensões, a proposta metodológica apresentada neste capítulo reforça que ensinar História, especialmente a partir dos territórios populares, é também uma forma de intervir no presente, promovendo novas possibilidades de pertencimento e reconhecimento. A cidade deixa de ser apenas objeto de análise e se transforma em campo vivo de aprendizagem, em que a produção de memória se converte em prática política,

pedagógica e cidadã. A Wikifavelas, nesse processo, torna-se não apenas ferramenta, mas também ato de resistência epistêmica, gesto de escrita coletiva e tecnologia social para democratizar o conhecimento histórico.

Encerramos este capítulo com a convicção de que integrar a Wikifavelas ao ensino de História é afirmar que outras histórias são possíveis – histórias contadas com, e não apenas sobre os sujeitos populares. Na próxima seção, serão apresentadas propostas práticas para a sala de aula, que integram análise crítica, autoria estudantil e investigação territorial, reafirmando o compromisso com uma educação situada, dialógica e transformadora.

## 5. CONCLUSÃO

Este trabalho partiu da premissa de que a cidade, enquanto espaço historicamente produzido e socialmente vivido, pode ser mobilizada como campo de ensino crítico da História. Ao longo do percurso aqui traçado, demonstrou-se que o espaço urbano não é apenas cenário dos acontecimentos históricos, mas agente ativo na organização das desigualdades, na produção de subjetividades e nas formas de resistência coletiva. Assumir a cidade como objeto de ensino é, portanto, um gesto epistemológico e político: é reconhecer que os muros, ruas, mapas e silêncios urbanos são documentos vivos de uma história disputada.

A reflexão teórica desenvolvida no primeiro capítulo sustentou-se sobre a ideia da cidade educadora (Gadotti, 2006) e da cidade feita pelos trabalhadores (Maciel, 2016), além de aportes fundamentais como Santos (2002) e Fenelon et al. (2004), para afirmar a necessidade de um ensino de História que valorize as múltiplas memórias e trajetórias populares apagadas pelas narrativas hegemônicas. Essa base permitiu construir um horizonte pedagógico comprometido com a leitura crítica da cidade como texto e território — uma leitura que incorpore experiências sensíveis, vivências escolares e a dimensão axiológica do conhecimento histórico.

No segundo capítulo, o caso do Rio de Janeiro foi mobilizado metodologicamente como um recorte empírico paradigmático para pensar a relação entre urbanização, racialização e exclusão social. A análise da Reforma Pereira Passos como evento estruturante, a partir das ideias elaboradas por Marshall Sahlins (2008), permitiu compreender que as transformações urbanas do início do século XX foram não apenas processos técnicos, mas atos políticos profundamente racializados. A historiografia crítica que emergiu a partir da década de 1980 contribuiu para ressignificar a reforma como mito fundador da "cidade partida", evidenciando que as favelas não são produtos marginais da cidade, mas expressões centrais das suas contradições estruturais.

A partir dessa chave de leitura, o terceiro capítulo apresentou a plataforma Wikifavelas – Dicionário de Favelas Marielle Franco como instrumento pedagógico e político de reapropriação do direito à memória e à cidade. Situada na tradição das práticas de resistência e autoria coletiva, o Wikifavelas foi compreendida aqui como ferramenta para

reinscrever no ensino de História os saberes, experiências e formas de vida dos territórios populares.

Ao valorizar essas narrativas e disputas de origem, o manual pedagógico que propomos se posiciona como uma ferramenta crítica contra o apagamento histórico. Ele busca fortalecer a ideia de que a favela não é um desvio da cidade, mas uma de suas expressões mais autênticas, forjada sob as condições duras da exclusão, mas também sob o impulso criativo de quem a construiu com as próprias mãos. Nesse sentido, mobilizar a história dos lugares como parte do ensino da História é, também, um ato de reconhecimento e reparação. Uma pedagogia do território, comprometida com os sujeitos que fazem a cidade diariamente, precisa ser capaz de romper com a lógica da ausência e afirmar a centralidade das favelas na experiência urbana brasileira. O ensino de História, quando comprometido com a formação crítica e cidadã, exige metodologias capazes de dialogar com os territórios, com as experiências vividas e com as disputas de memória que atravessam a cidade. Nesse sentido, a plataforma Wikifavelas – Dicionário de Favelas Marielle Franco surge como uma ferramenta pedagógica potente, não apenas por seu conteúdo, mas sobretudo por sua forma de produção: colaborativa, territorializada e comprometida com a valorização dos saberes populares.

Essa proposta de articulação entre cidade, ensino e memória tem implicações profundas. Em um país marcado por desigualdades estruturais e por uma profunda negação das contribuições das populações negras e periféricas à formação urbana, afirmar o território como fonte legítima de conhecimento é também afirmar o direito à história. Significa transformar a favela de objeto de estigma em sujeito de saber. Significa ensinar História não apenas para o vestibular, mas para a vida social e política.

Ao defender a construção de um manual pedagógico voltado ao ensino crítico da História, este trabalho contribui para o fortalecimento de práticas educativas situadas, que dialogam com a realidade concreta dos estudantes e fomentam o desenvolvimento de sujeitos historicamente conscientes, capazes de ler e intervir no mundo à sua volta. A cidade deixa de ser apenas o pano de fundo da história para tornar-se um campo de disputas, experiências e possibilidades de transformação.

Em tempos de crescente apagamento das memórias subalternas, de criminalização dos territórios populares e de esvaziamento dos sentidos públicos da escola, esta proposta se

insere como ato de resistência pedagógica e política. Que a cidade, em sua complexidade e contradição, continue sendo terreno fértil para o florescimento de novas perguntas, de novas histórias e de novos futuros possíveis.

## REFERÊNCIAS:

- ABREU, M.; BRONSTEIN, O.** *Políticas públicas, estrutura urbana e distribuição da população de baixa renda na área metropolitana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: CNPU/IDRC/IBAM, 1978.
- ABREU, M. de A.** *Evolução urbana no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: IPLANRIO/Zahar, 1987.
- BENCHIMOL, J. L.** *Pereira Passos, um Haussmann tropical: a renovação urbana da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.
- BRUM, M. S.** Ordenando o espaço urbano no Rio de Janeiro: o programa de remoção da CHISAM e as —utilidades para os favelados (1968–1973). *Anais do Encontro Regional da Associação Nacional de História*. Rio de Janeiro: s.n., 2010.
- BRUM, M. S.** Ditadura civil-militar e favelas: estigma e restrições ao debate sobre a cidade (1969–1973). *Cadernos Metrópole*, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, v. 14, n. 28, p. 357–379, 2012.
- CASTELLS, M.** *La question urbaine*. Paris: Maspero, 1972. (Tradução italiana: *La questione urbana*. Padova: Marsilio, 1974).
- CHALHOUB, S.** *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1985.
- CRESSEY, G. B.** *Chinese colonization in Mongolia: a general survey*. 1932.
- CRUZ, T. G.** Favelas que (se) contam: a produção de dados como ferramenta política. *Teoria e Cultura*, v. 19, n. 1, p. 214–221, 2024.
- DA SILVA, D. F.** *Homo modernus — para uma ideia global de raça*. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2022.
- DUBOIS, W. E. B.** *The Philadelphia Negro*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, [s.d.].
- ENGELS, F.** *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.
- FENELON, D. R.; MACIEL, L. A.; ALMEIDA, P. R.; KHOURY, Y. A.** (Orgs.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d'Água, 2004.
- GADOTTI, M.** A escola na cidade que educa. *Cadernos CENPEC / Nova série*, v. 1, n. 1, 2006.
- LEEDS, A.; LEEDS, E.** *A sociologia do Brasil urbano*. Rio de Janeiro: SciELO-Editora FIOCRUZ, 1978.
- LEFEBVRE, H.** *Espaço e política: o direito à cidade*. São Paulo: Documentos, 1969.
- MACIEL, L. A.** Imprensa, esfera pública e memória operária (1880–1920). *Revista de História*, São Paulo, USP, n. 175, jul.–dez. 2016.
- MAIO, M. C.** O Projeto Unesco e a agenda das ciências sociais no Brasil dos anos 40 e 50. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 14, p. 141–158, 1999.

- MENDONÇA, L. C. A. de M.** *Jornalismo como missão: militância e imprensa nos subúrbios cariocas, 1900–1920*. São Paulo: Mauad X; ANPUH-RJ, 2020. p. 39–92.
- MONTEIRO, A. M.** *Professores de História: entre saberes e práticas*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- MONTEIRO-MACEDO, A. C. P.** *A reforma Pereira Passos como mito de origem de uma cidade partida*. 2023. (Trabalho inédito).
- MOURA, C.** *Sociologia do negro brasileiro*. São Paulo: Editora Perspectiva SA, 2020.
- MORAES, D.; RAMONET, I.; SERRANO, P.** *Mídia, poder e contrapoder: da concentração monopólica à democratização da informação*. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: FAPERJ, 2013.
- PARK, R. E.** The nature of race relations. In: PARK, R. E. *Race and Culture*. Glencoe, Ill.: Free Press, [1939] 1950. p. 81–116.
- PARK, R. E.** Human migration and the marginal man. *American Journal of Sociology*, v. 23, n. 6, maio, p. 881–893, 1928.
- PARK, R. E.; BURGESS, E. W.; McKENZIE, R. D.** (Eds.). *The city*. Chicago: University of Chicago Press, 1967.
- PEIXOTO, M. do R.** Ensino como pesquisa: um novo olhar sobre a história no ensino fundamental. *Revista História & Perspectivas*, v. 28, n. 53, 2015.
- PEREIRA, L. A. de M.** Negociações impressas: a imprensa comercial e o lazer dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Primeira República. *História* [online], v. 35, e99, 2016.
- PERLMAN, J.** *O mito da marginalidade urbana: favelas e políticas no Rio de Janeiro*. Trad. W. Portinho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- PIERSON, D.; LANTZ, H. R.** *Negroes in Brazil*. Urbana: University of Illinois Press, 1967.
- POLYCARPO, C.; FORNAZIN, M.; FLEURY, S.** Dicionário de Favelas Marielle Franco: uma plataforma colaborativa de produção e armazenamento de conhecimento sobre as favelas. In: *XXXII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología*. Asociación Latinoamericana de Sociología, 2019.
- QUIJANO, A.** Notas sobre el concepto de marginalidade social. In: PEREIRA, L. (org.). *Populações marginais*. São Paulo: Duas Cidades, 1978.
- REIS, J. J.** A greve negra de 1857 na Bahia. *Revista USP*, n. 18, p. 6–29, 1993.
- ROCHA, O. P.; CARVALHO, L. de A.** *A era das demolições: cidade do Rio de Janeiro, 1870–1920*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, 1995.
- SAHLINS, M.** *Metáforas históricas e realidades míticas: estrutura nos primórdios da história do reino das ilhas Sandwich*. São Paulo: Editora Schwarcz – Companhia das Letras, 2008.
- SANTOS, J. J. M. dos.** História do lugar: um método de ensino e pesquisa para as escolas de nível médio e fundamental. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, v. 9, p. 105–124, 2002.

**SAVAGE, M.; WARDE, A.; WARD, K.** *Urban sociology, capitalism and modernity*. London: Bloomsbury Publishing, 2020.

**SILVÉRIO, V. R.** Uma releitura do —lugar do negrol e dos —lugares da gente negral nas cidades. In: BARONE, A. C. C.; RIOS, F. (Org.). *Negros nas cidades brasileiras (1890–1950)*. São Paulo: Intermeios; FAPESP, 2019. p. 23–48.

**SIMMEL, G.** The metropolis and mental life (1903). In: *The people, place, and space reader*. London: Routledge, 2014. p. 223–226.

**STEINER, J. F. ANDERSON.** The Hobo (book review). *Social Forces*, v. 2, n. 1, p. 117, 1923.

**THRASHER, F. M.** *The gang: a study of 1,313 gangs in Chicago*. 1926. (Doctoral dissertation – University of Chicago).

**VALLADARES, L. do P.** *Passa-se uma casa: análise do programa de remoção de favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

**VALLADARES, L. do P.** A visita do Robert Park ao Brasil, o —homem marginal e a Bahia como laboratório. *Caderno CRH*, v. 23, p. 35–49, 2010.

**ZABALA, M. A.** *A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

**ZALUAR, A.** *A máquina e a revolta: as organizações populares e os significados da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1985.